

MODULAÇÕES DA MEMÓRIA: OBJETOS BIOGRÁFICOS EM *LAVOURA ARCAICA*, DE RADUAN NASSAR

Tailze Melo Ferreira (PUCMinas)

RESUMO: Variadas são as modulações da memória inscritas no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. André, personagem narrador do livro, traça uma história não linear alternando o presente da narração com *flashbacks* de fragmentos de sua infância. Disperso, sonolento e embriagado, André apresenta uma memória errática, fugaz, opaca e fragmentada que assume, pois, a condição de movimento contínuo e transfiguração da realidade. Neste artigo, pretende-se investigar a presença dos objetos nos percursos mnemônicos do narrador que relata de forma intensa e subjetiva suas impressões sobre os objetos mais cotidianos. Vale ressaltar que, no complexo relato de André, eles não surgem em descrições que simplesmente colaboram na construção de espaços. Longe disso, os objetos apontam para uma captura muito singular de sua relação com o mundo e com seu circuito familiar. Nesse sentido, os objetos, apreendidos na memória, surgem como elementos prosaicos, mas de grande força sensória no romance. Sob tal lógica, em *Lavoura Arcaica*, o valor funcional de objetos prosaicos do cotidiano cede espaço a uma função mnemônica. É por meio de gamelas ulceradas, canecas amassadas, torradores de café enegrecidos, louças ingênuas, dentre outros utensílios, envolvidos numa luz de penumbra, que traços de domesticidades vão se encontrando e formando um cenário forjado pela imaginação de André, guardião irônico das coisas da família. O mobiliário dessa casa tão subjetiva é transformado, por uma peculiar incursão no passado, em possibilidades interpretativas que vão além da funcionalidade dos objetos, tornando possível que eles sejam um registro do próprio olhar da personagem para outros tempos ou até mesmo uma extensão de seus sentimentos.

Palavras-chave: Memória, Objetos, Espaço.

Variadas são as modulações da memória inscritas no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar. André, personagem narrador do livro, traça uma história não linear alternando o presente da narração com *flashbacks* de fragmentos de sua infância. Disperso, sonolento e embriagado, André apresenta uma memória errática, fugaz, opaca e fragmentada, como se evidencia logo no início do livro:

[...] minha cabeça rolava *entorpecida* enquanto meus cabelos se deslocavam em grossas ondas sobre a curva úmida da fronte; deitei uma das faces contra o chão, mas meus olhos pouco apreenderam, sequer perderam a imobilidade ante o vôo *fugaz* dos cílios; o ruído das batidas na porta vinha macio, aconchegava-se despojado de sentido [...]; e o ruído se repetindo, sempre macio e manso, não me perturbava a doce *embriaguez*, nem minha *sonolência*, nem o *disperso* e *esparso* torvelinho sem acolhimento; meus olhos depois viram a meçaneta que

girava, mas ela em movimento se esquecia na retina como um objeto sem vida, um som sem vibração, ou um sopro *escuro* no *porão* da memória [...] (NASSAR, 1989, p. 8, grifos nossos).

A memória assume, pois, a condição de movimento contínuo e transfiguração da realidade, pois como bem lembra Bergson (2006, p. 8): “O universo dura. Quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreendermos que duração significa invenção, criação de formas e elaboração contínua do absolutamente novo”.

Neste artigo, pretende-se investigar a presença dos objetos nos percursos mnemônicos do narrador que relata de forma intensa e subjetiva suas impressões sobre os objetos mais cotidianos. Vale ressaltar que, no complexo relato de Andre, eles não surgem em descrições que simplesmente colaboram na construção de espaços. Longe disso, os objetos apontam para uma captura muito singular de sua relação com o mundo e com seu circuito familiar. Nesse sentido, os objetos, apreendidos na memória, surgem como elementos prosaicos, mas de grande força sensória, como se evidencia no fragmento abaixo:

[...] e é enxergando os utensílios, e mais o vestuário da família, que escuto vozes difusas perdidas naquele fosso, sem me surpreender contudo com a água transparente que ainda brota lá do fundo; e recuo em nossas fadigas, e recuo em tanta luta exausta, e vou puxando desse feixe de rotinas, um a um, os ossos sublimes do nosso código de conduta (NASSAR, 1989, p. 75).

Utensílios cotidianos: “o guardião zeloso das coisas da família”

No capítulo dez do romance, André coloca-se como aquele que cuidadosamente guarda na memória as coisas da família. No entanto, como o próprio personagem admite, tais coisas formam um cenário irreal e seu zelo traz a marca de seu escárnio mais sarcástico.

Fundindo os vidros e os metais da minha córnea, e atirando um punhado de areia pra *cegar* a atmosfera, incursiono às vezes num *sono* já dormido, enxergando através daquele filtro *fosco* o pó rudimentar, uma pedra de moenda, um pilão, um socador provector, e uns varais

extensos, e umas gamelas ulceradas, carcomidas, de tanto esforço em suas lidas, e uma caneca amassada, e uma moringa sempre à sombra machucada na sua bica, e um torrador de café, cilíndrico, fumacento, enegrecido, lamentoso, pachorrento, girando ainda a manivela da memória; e vou extraindo deste poço as panelas de barro, e uma cumbuca no parapeito fazendo de saleiro, e um latão de leite sempre assíduo na soleira, e um ferro de passar saindo ao vento pra recuperar a sua febre, e um bule de ágata, e um fogão a lenha, e um tacho imenso, e uma chaleira de ferro, soturna, chocando dia e noite sobre a chapa; e poderia retirar do mesmo saco um couro de cabrito ao pé da cama, e uma louça ingênua adornando a sala, e uma Santa Ceia na parede, e as capas brancas escondendo o encosto das cadeiras de palhinha, e um cabide de chapéu feito de curvas, e um antigo porta-retrato, e uma fotografia castanha, nupcial, trazendo como fundo um cenário *irreal*, e puxaria ainda muitos outros *fragmentos*, miúdos, poderosos, que conservo no mesmo *fosso* como guardião zeloso das coisas da família (NASSAR, 1989, p. 62 e 63, grifos nossos).

A citação do capítulo na íntegra, apesar de longa, faz-se necessária, pois aponta para a fragilidade e a impossibilidade de um relato que pelo menos se apresente próximo aos acontecimentos evocados pelas lembranças de André. Vocábulos como cegar, sono, fosco e *irreal* tornam-se signos da ordem fragmentária e opaca da memória. Vale evidenciar que os objetos dispersos, “girando na manivela da memória,” pairam nas lembranças do protagonista como cacos de uma narrativa conservada no fosso da memória, sugerindo o que Eclea Bosi denominou de objetos biográficos:

Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. São estes os objetos que Viollete Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-mundi do viajante. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida (BOSI, 1994, p. 441).

Bosi discute, pois, a função dos objetos de uso diário atribuindo centralidade à dimensão afetiva. Os “objetos biográficos” se opõem, pois, aos chamados “objetos protocolares,” cujo uso é provisório e podem ser encontrados nos pertences de muitas pessoas, já que são valorizados apenas por seu valor de funcionalidade e status e não pela relação particular que estabelecem com seus possuidores. Assim, o poder de um objeto biográfico está justamente na instância da memória, pois experiências estão “impregnadas” em sua materialidade física e podem ser evocadas e resignificadas por aqueles que estão próximos desse objeto.

Nessa mesma linha de raciocínio, Jean Baudrillard, em *O sistema dos objetos*, destaca o valor afetivo das coisas uma vez que objetos, para além de sua finalidade prática, servem para personificar as relações humanas.

Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam, com efeito, os objetos de uma paixão, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo não fica atrás em nada àquele das paixões humanas. [...] Os objetos nesse sentido são, fora da prática que deles temos, num dado momento, algo diverso, profundamente relacionado com o indivíduo, não unicamente um corpo material que resiste, mas uma cerca mental onde reino, algo de que sou o sentido, uma propriedade, uma paixão. (BAUDRILLARD, 2000, p. 93-94)

Sob tal lógica, em *Lavoura Arcaica*, o valor funcional de objetos prosaicos do cotidiano cede espaço a uma função mnemônica. É por meio de gamelas ulceradas, canecas amassadas, torradores de café enegrecidos, louças ingênuas, dentre outros utensílios, envolvidos numa luz de penumbra, que traços de domesticidades vão se encontrando e formando um cenário forjado pela imaginação de André, guardião irônico das coisas da família. O mobiliário dessa casa tão subjetiva é transformado, por uma peculiar incursão no passado, em possibilidades interpretativas que vão além da funcionalidade dos objetos, tornando possível que eles sejam um registro do próprio olhar da personagem para outros tempos ou até mesmo uma extensão de seus sentimentos.

É por essa ótica que os objetos citados no capítulo dez do livro são adjetivados num âmbito antropomórfico e parecem se situar na mesma condição sombria de André, colocando-se como sua própria extensão, ou seja, designando, qualificando ou indicando estados do personagem. É assim que a gamela é ulcerada, a moringa machucada, o torrador de café lamentoso, a chaleira de ferro soturna e o ferro febril. Em tal perspectiva, “[...] todos os objetos do mundo comum, ainda que permaneçam o que são quanto às suas aparências, podem ser re-situados de repente em uma outra relação na esfera da sensibilidade de quem os captura, adquirindo um outro tipo de valor.” (MACIEL, 2004, p. 103).

O cesto de roupa suja: “o silêncio recatado das peças íntimas da família”

No quarto de pensão, entre pesados goles de vinho, ao se revelar epilético, a fala de André torna-se mais “convulsionada” e delirante. Num acesso verborrágico violento contra a ordem racional imposta pelo pai, André, por meio da lembrança de suas mãos afundadas no cesto de roupas sujas do banheiro, traz para seu discurso as pulsações, gemidos e volúpias da família. O narrador, em seu transe, conta para o irmão que ninguém conheceu mais a intimidade da família do que ele que ousou afundar as mãos no cesto e sentir nas peças íntimas os gritos, as ambivalências, os cheiros e a solidão de todos.

[...] alguma vez te passou pela cabeça, um instante curto que fosse, suspender o tampo do cesto de roupas no banheiro? Alguma vez te ocorreu afundar as mãos precárias e trazer com cuidado cada peça ali jogada? Era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto de roupas no banheiro? Alguma vez te ocorreu afundar as mãos precárias e trazer com cuidado cada peça ali jogada? Era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto [...] (NASSAR, 1980, p.42).

O discurso do narrador segue um fluxo psicológico em tom de delírio. O contato intenso com o corpo da família parece orientar o desejo de André, oposto aos valores de tradição e racionalidade, representados pela ordem do pai e do irmão mais velho Pedro, cuja missão é levá-lo novamente ao encontro dessa ordem. A orientação semântica dessa passagem do romance aponta para um sistema metafórico tangenciado pela expressividade erótica usada pelo protagonista como modo de transgressão familiar. Ao ter contato com o cesto de roupa suja, aqui metáfora do corpo da família, André se coloca longe do controle, da ordem e da força do patriarcado, evidenciando para além dessa força, as angústias tão humanas e contraditórias da própria família: “Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa”. O cesto de roupa suja deixa de ser um simples objeto do banheiro, cuja função utilitária seria armazenar as roupas sujas da família, para ser alvo dos cuidados afetivos e eróticos de André, possibilitando um desvio da realidade repressiva da casa do pai.

[...] ninguém ouviu melhor o grito de cada um, eu te asseguro, as coisas exasperadas da família deitadas no silêncio recatado das peças íntimas ali largadas, mas bastava ver, bastava suspender o tampo e afundar as mãos, bastava afundar as mãos para conhecer a

ambivalência do uso, os lenços dos homens antes estendidos como salvas pra resguardar a pureza dos lençóis, estava afundar as mãos pra colher o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas e descobrir nas suas dobras, ali perdido, a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis, e nem era preciso revolver muito para encontrar as manchas periódicas de noqueira no fundilho dos panos leves das mulheres ou escutar o soluço mudo que subia do escroto engomado o algodão branco e macio das cuecas, era preciso conhecer o corpo da família inteira, ter nas mãos as toalhas higiênicas cobertas de um pó vermelho como se fossem as toalhas de um assassino, conhecer os humores todos da família mofando com cheiro avinagrado e podre de varizes nas paredes frias de um cesto de roupa suja [...] (NASSAR,1989, p. 43)

A caixa da luxúria: “ a coleção mais lúdica desse escuro poço”

Uma caixa e com ela o tempo. Em um dado momento da conversa no quarto da pensão, Pedro parece sucumbir ao vinho e seu efeito de doce entorpecimento. É nessa hora que o narrador revela uma caixa com “objetos ínfimos” de suas aventuras sexuais na adolescência. Mais uma vez, surge na narrativa uma série de relações metafóricas que pressupõem a conceituação de mundo de André em oposição ao discurso organizado e controlador do regime patriarcal. Expressões como “tangerinas incendiadas”, “amoras assassinas”, “cipestres altos”, “colônias de algas” , “lodo espesso”, dentre outras, surgem em sequência para criar uma analogia entre o corpo cheio de desejo do adolescente e uma natureza forte e vertiginosa. Esse campo sensorio, ligado ao desejo, foi evocado pela caixa que continha “a coleção mais lúdica do escuro poço” de André:

Pedro, meu irmão, engorde os olhos nessa memória escusa, nesses mistérios roxos, na coleção mais lúdica desse escuro poço: no pano murcho dessas flores, nesta orquídea amarrotada, neste par de ligas cor-de-rosa, nesta pulseira, neste berloque, nessas quinquilharias todas que eu sempre pagava com moedas roubadas ao pai [...] (NASSAR,1989, p. 71)

Vale lembrar que os objetos da caixa seriam roubados por Ana e usados na festa do retorno de André a casa do pai. A gargantilha de veludo roxa da primeira amante e outros objetos da caixa de recordações sexuais de André foram apossados pela irmã que

cheia de uma “selvagem elegância”, serpenteava o corpo e tornava a dança, tradição da família, um tormento de desfecho trágico.

[...] foi assim que Ana, coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa, tomou de assalto a minha festa, varando com a peste no corpo o círculo que dançava, introduzindo, ali no centro, sua petulante decadência, assombrando os olhares de espanto, suspendendo em cada boca o grito, paralisando os gestos por um instante, mas dominando a todos com seu ímpeto de vida [...] (NASSAR, 1989, p. 186).

Ao fundir ao seu corpo os objetos da caixa de André, Ana, assim como ele, faz de seu ato uma transgressão à tradição familiar, rompendo com o poder da racionalidade paterna ao colocar o pai em situação extrema de descontrole, tornando-o assassino da própria filha.

Considerações finais:

Nas muitas modulações da memória que perpassam a narrativa de *Lavoura Arcaica*, os objetos parecem orientar as lembranças do personagem-narrador no sentido de transfigurar a própria condição da relação espaço-tempo em que poderiam se inserir tais objetos. As coisas, evocadas pela memória, assumem, pois, claramente a função de formar uma narrativa que só interessa como experiência singular do narrador. Nesse sentido, torna-se possível que o inanimado tenha a força da própria condição humana, uma vez que os objetos transfigurados pelo tempo são assumidos pelo personagem como “vozes difusas perdidas no fosso da memória”.

Referências:

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.